



UNIJUI

DACEC - Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação

PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento
Regional

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 11/12/2020 a 17/12/2020

PREZADOS AMIGOS: COMO SEMPRE, NESTA ÉPOCA DO ANO, DEVIDO AS FESTAS DE FINAL DE ANO E AS FÉRIAS COLETIVAS DE JANEIRO, ESTE É O NOSSO ÚLTIMO BOLETIM. RETORNAREMOS NO MÊS DE FEVEREIRO 2021, MAIS PRECISAMENTE NO DIA 11/02. DESEJAMOS UM FELIZ NATAL E QUE 2021 NOS PERMITA VENCER O CORONAVÍRUS QUE TANTO NOS PREJUDICOU NESTE ANO. ABRAÇOS A TODOS!

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²**

¹ Professor Titular do PPGDR e DACEC, na UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUI, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUI, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUI e Bacharel em – Administração UNIJUI.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
11/12/2020	11,60	384,10	39,58	6,08	4,24
14/12/2020	11,69	380,80	40,11	5,93	4,19
15/12/2020	11,84	388,20	39,19	5,99	4,24
16/12/2020	11,83	394,50	39,05	5,98	4,27
17/12/2020	12,01	397,90	39,93	6,08	4,32
Média	11,79	389,10	39,57	6,01	4,25

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	
RS – Panambi	130,00	
RS – Não Me Toque	131,00	
RS – Londrina	133,00	
PR – Cascavel	133,00	
MT – C.N.Parecis	135,00	
MS – Maracaju	137,00	CIF
GO - Rio Verde	125,00	
BA – L.E.Magalhães	149,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	77,00	CIF
Porto de Paranaguá	70,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	73,00	
SC – Rio do Sul	74,00	
PR – Cascavel	62,50	
PR – Londrina	63,00	
MT – C.N.Parecis	59,00	
MS – Maracaju	62,00	
SP – Itapetininga	73,00	
SP – Campinas	76,00	CIF
GO – Rio Verde	62,00	
GO – Jataí	62,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	70,00	
RS – Não Me Toque	70,00	
PR – Londrina	67,00	
PR – Cascavel	67,00	

Período: 16/12/2020

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da
Notícias Agrícolas.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 17/12/2020**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	73,82	132,96	70,00

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
17/12/2020**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	99,11
Feijão (saco 60 Kg)	253,58
Sorgo (saco 60 Kg)	62,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,91
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,99**
Boi gordo (Kg vivo)*	8,53

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Novembro/20 - média cf.

Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da
EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, voltaram a subir nesta semana e finalmente romperam o teto dos US\$ 12,00/bushel, algo que não era visto há muitos anos. Assim, o fechamento do primeiro mês cotado, nesta quinta-feira (17), atingiu a US\$ 12,01/bushel, contra US\$ 11,52 uma semana antes. Ou seja, em uma semana o bushel ganhou praticamente meio dólar.

Os baixos estoques de soja nos EUA, indicados no relatório de oferta e demanda do governo local no dia 10/12, somado ao clima complicado na América do Sul, onde a falta de chuvas já causou atrasos no plantio e, em alguns locais, já começa a faltar para o melhor desenvolvimento da planta, são os principais motivos destas altas atuais. Além disso, ainda a constante presença da China na ponta compradora ajuda a animar o mercado e a especulação junto às cotações.

Neste sentido, em o clima não melhorando na América do Sul, é possível que o bushel de soja se mantenha, por algum tempo, acima dos US\$ 12,00 e caminhando para os US\$ 13,00. O mercado ainda especula que o relatório de janeiro pode trazer um novo recuo aos estoques finais estadunidenses para o ano 2020/21, com os mesmos caindo para perigosos 2,7 a 3,7 milhões de toneladas. Este fato poderá levar os produtores dos EUA a aumentarem significativamente a área com soja no próximo ano, fato que poderá ser verificado já no final de março com a intenção de plantio.

Dito isso, a Associação Nacional de Processadores de Oleaginosas dos EUA indicou que a moagem de soja em novembro, naquele país, chegou a 4,93 milhões de toneladas, ficando acima das expectativas do mercado. Todavia, em outubro o esmagamento atingiu a 5,04 milhões, enquanto em novembro de 2019 o mesmo ficou em 4,49 milhões de toneladas.

Já as exportações de soja estadunidense, na semana encerrada em 10/12, atingiram a 922.300 toneladas, ficando acima do teto das expectativas do mercado, sendo a China o maior comprador semanal mais uma vez. No acumulado do ano comercial as vendas já concretizadas chegam a 53,8 milhões de toneladas, contra pouco mais de 28 milhões no mesmo período do ano anterior. No total do ano comercial 2020/21 o mercado aponta que as exportações estadunidenses somem 59,9 milhões de toneladas.

Por sua vez, na Argentina, segundo a Bolsa de Cereais de Buenos Aires, o plantio da atual safra de soja atingiu a 57,1% da área esperada, tendo um recuo de 4,2 pontos percentuais em relação ao mesmo período do ano passado. O total previsto a ser semeado com soja é de 17,2 milhões de hectares no vizinho país. Em algumas regiões do país houve piora na qualidade da soja já plantada devido a falta de chuvas. É o caso do centro-norte de Córdoba e no centro-leste de Entre-Rios.

Por outro lado, veio da Argentina a nova preocupação mundial em relação ao abastecimento de farelo de soja. O vizinho país consolidou mais de duas semanas em greve portuária. Ora, os argentinos abastecem quase 50% do farelo de soja exportado no mundo, sendo os maiores exportadores mundiais do subproduto. Com isso as cotações do farelo em Chicago voltaram a se aproximar dos US\$ 400,00/tonelada curta, algo que também não é visto há muitos anos.

Orna

Neste momento seriam 22 portos argentinos paralisados, fazendo muitos navios se deslocarem para o Golfo do México em busca do produto estadunidense, fato que aquece as cotações da soja e derivados em Chicago. Segundo os líderes da greve o cálculo é de que 4,5 milhões de toneladas de grãos e subprodutos seguem em espera para serem embarcados em 129 navios. Neste volume estariam 1,5 milhão de toneladas de farelo; 1,1 milhão de toneladas de trigo; 900.000 toneladas de milho e 500.000 toneladas de óleo.

Não é preciso muito raciocínio para se concluir que a forte valorização do farelo e do milho no mercado mundial e regional aumenta o custo da alimentação animal, complicando seriamente a rentabilidade dos criadores em geral. Até mesmo as indústrias de carnes mundo afora começam a sentir de forma mais intensa o impacto negativo no setor. O setor da criação animal, consumidor de rações industrializadas, tanto aqui como no resto do mundo, poderá enfrentar uma forte inflação nos custos de produção, com o aumento no preço médio das rações podendo ser o maior nestes últimos 10 anos. Resta saber como isso irá atingir as compras de grãos por parte da China, país que já fez alguns movimentos nos últimos meses indicando que os atuais preços já estão muito elevados. Além disso, ainda há as incertezas em relação a Covid-19 e a capacidade mundial em vencê-la definitivamente, mesmo com o início da vacinação.

Aqui no Brasil, apesar do firme movimento altista em Chicago, o câmbio voltou a ficar entre R\$ 5,00 e R\$ 5,10 por dólar durante grande parte da semana, além de os prêmios recuarem nos portos. Com isso, o preço médio da soja voltou a cair junto aos produtores rurais. O balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 132,96/saco, perdendo quase 10 reais na semana. Por outro lado, os preços nas regiões de referência recuaram para R\$ 130,00 a R\$ 131,00/saco, perdendo entre quatro a cinco reais na semana. O movimento baixista é igualmente visto nas demais praças nacionais, com intensidades diferentes. Assim, o fechamento desta semana trouxe os seguintes preços nestas praças: R\$ 133,00 no Paraná; R\$ 135,00 em Campo Novo do Parecis (MT); R\$ 137,00 em Maracaju (MS); R\$ 125,00 em Rio Verde (GO); e R\$ 149,00/saco em Luís Eduardo Magalhães (BA).

Na semana anterior, o indicador Esalq/BM&FBovespa, que toma o porto de Paranaguá (PR) como referência, recuou 3,4% enquanto o indicador que leva em conta a média do Estado paranaense recuou 4,8%, com o saco de soja girando entre R\$ 141,00 e R\$ 147,00. Na corrente semana houve novo recuo. Vai se confirmando assim os alertas que fazíamos sobre o papel do câmbio nos aumentos históricos da soja meses atrás. Tudo indica mesmo que a nova safra, em março, tenda a ser comercializada, no Rio Grande do Sul, ao redor de R\$ 100,00/saco em condições normais de produção.

Enquanto isso, os órgãos públicos, tanto do Brasil quanto dos EUA, projetam uma safra brasileira de soja entre 127 milhões e 134,5 milhões de toneladas, com um grande desacordo entre si. Já a iniciativa privada, a partir da consultoria Safras & Mercado, define a safra 2020/21 em 132,5 milhões de toneladas, reduzindo a mesma em um milhão de toneladas em relação a outubro, porém, ainda assim uma safra recorde. A mesma cresceria, então, 5,5% em relação ao ano anterior. A área plantada deverá crescer 2,9% no país, chegando a 38,4 milhões de hectares. O plantio, neste momento está chegando ao final, com algumas regiões atrasadas devido a estiagem na época inicial da semeadura.

Orna

Especificamente no Mato Grosso, após um período de seca importante no início do plantio da soja, as chuvas retornaram e a estimativa local de produção está em 35,5 milhões de toneladas, um recorde histórico. Obviamente, para isso, será preciso confirmar a área plantada esperada em 10,3 milhões de hectares, sendo que 2,5% deste total teve que ser replantado. O atraso no plantio da soja tende a atingir o milho safrinha, com o mercado já esperando uma semeadura entre 14% e 15% da área fora da janela ideal. Mesmo assim, diante dos elevados preços do cereal, a área de safrinha local tende a crescer 5%, batendo em 5,7 milhões de hectares. (cf. Imea)

Já no Paraná, o Deral reestimou a safra de soja local para 20,4 milhões de toneladas, com um pequeno recuo de 300.000 toneladas em relação ao apontado em novembro.

Enfim, importante se faz destacar que um grupo de empresas internacionais da área agroalimentar, incluindo Tesco, Walmart, Unilever e McDonald's, pediu nesta semana às tradings de commodities que parem de trabalhar com a soja cuja produção está associada ao desmatamento do Cerrado brasileiro. Ou seja, as grandes companhias mundiais voltam à carga em relação à política ambiental brasileira, agora trabalhando diretamente com as tradings compradoras de nossa soja. No total foram 163 companhias que assinaram a Declaração de Apoio ao Manifesto do Cerrado, o qual foi endereçado às tradings Archer Daniels Midland (ADM), Bunge, Louis Dreyfus, Cargill, Cofco International e Glencore pedindo para que elas deixem de obter soja, direta ou indiretamente, de áreas desmatadas no Cerrado após 2020. Por enquanto, nenhuma das tradings concordou com as medidas, segundo notícias, porém, a disputa neste contexto ambiental está cada vez mais forte e preocupante para os produtores de soja do Centro-Oeste em particular. Atualmente o Cerrado brasileiro produz 60% de toda a soja brasileira, o que dá a dimensão do estrago na economia brasileira caso tais ameaças venham a ser praticadas. Neste contexto, na América do Norte e na Europa, já faz algum tempo que empresas estão encorajando produtores a adotar práticas mais sustentáveis, devido à pressão do consumidor e às expectativas de mais regulamentações. Aqui no Brasil a Cargill, por exemplo, disse em comunicado que reconhece "a urgência de abordar a questão do desmatamento e da conversão de terras com vegetação nativa no Cerrado", concluindo que "confirma que a Cargill não fornecerá soja de agricultores que desmatam ilegalmente ou em áreas de proteção, e tem as mesmas expectativas em relação aos seus fornecedores", afirmou a multinacional. Ao mesmo tempo, a ADM disse que "possui uma rígida Política de Não Desmatamento, e conta com tecnologias de satélite para garantir que possa cumprir sua política." Enfim, a Bunge afirmou que "não adquire soja de áreas desmatadas ilegalmente" e "se dedica a uma cadeia produtiva sustentável e tem o compromisso público, desde 2015, de eliminar o desmatamento de todas as nossas cadeias produtivas até 2025, prazo mais curto do setor". (cf. Notícias Agrícolas)

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago também subiram nesta semana, com o bushel do cereal, para o primeiro mês cotado, fechando a quinta-feira (17) em US\$ 4,32, contra US\$ 4,20 uma semana antes. Esta é a melhor cotação para o milho desde meados de julho de 2019, portanto, há praticamente um ano e meio.

Orna

Além de um relatório mais otimista anunciado pelo USDA no dia 10/12, o mercado reflete as expressivas vendas de milho por parte dos EUA nesta última semana. O total chegou a 1,92 milhão de toneladas, ficando bem acima do esperado. Em todo o ano comercial 2020/21 os EUA já venderam 41,6 milhões de toneladas, contra pouco mais de 17,2 milhões um ano atrás no mesmo período. O governo estadunidense espera vender um total de 67,3 milhões de toneladas de milho em todo o ano comercial atual.

Por sua vez, o plantio de milho na Argentina chegou a 47% da área prevista, havendo atraso de 7,7 pontos percentuais em relação ao mesmo período do ano passado. A Bolsa de Cereais de Buenos Aires ainda informou que 24% do que foi plantado apresenta condições entre boas a excelentes, diminuindo 10 pontos percentuais em relação a semana anterior. Ou seja, o clima continua prejudicando o plantio e o desenvolvimento das lavouras de verão no vizinho país.

Pelo lado do consumo mundial, a China deverá continuar aumentando o mesmo, fato que levará a importações importantes em 2021 e a preços mundiais sustentados. Esse quadro poderá durar até 2030 segundo analistas internacionais. Com a recuperação do rebanho suínico, após a peste suína africana de 2018, o consumo de grãos e ração voltou a crescer no país asiático. Entre 2020/21 e 2025/26 calcula-se que o consumo de ração na China cresça 3,3% ao ano. Ao mesmo tempo, desde 2016/17 a produção de milho chinesa tem apresentado déficits importantes. (cf. Rabobank)

Já no Brasil os preços do milho se estabilizaram, porém, há viés de baixa em muitos locais. A comercialização do cereal está bastante lenta com a proximidade das festas de final de ano. Por outro lado, mesmo com as chuvas retornando para a maioria das regiões produtoras, as perdas na safra de verão são irreversíveis, caso no Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

No Paraná, segundo o Deral, a projeção para a safrinha de milho local em 2021 é de 13,4 milhões de toneladas, com aumento de 14% sobre a safra colhida em 2020. Isso, obviamente, se o clima ajudar. Haverá um aumento de 2% na área semeada, passando a mesma para 2,34 milhões de hectares, com a produtividade média chegando a 5.730 quilos/hectare. Já a estimativa para a esta nova safra de verão é de uma produção local de 3,4 milhões de toneladas. Neste momento, 79% das lavouras de milho de verão se apresentam com boas condições, 16% estão em nível médio e apenas 5% em condições ruins.

Já no Mato Grosso, o Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária estima que em 2020/21 a safrinha de milho poderá resultar em 36,3 milhões de toneladas, com aumento de 2,4% sobre a última colheita. Espera-se um crescimento de 18% na demanda interna do cereal graças ao aumento de esmagamento de milho para a fabricação de etanol e ao avanço do consumo de ração animal. No que se refere aos custos de produção, a próxima safra apresenta as despesas com fertilizantes e corretivos de solo mais elevadas. Mesmo assim, o ponto de equilíbrio do produtor mato-grossense fica em R\$ 22,50/saco.

No Rio Grande do Sul, segundo a Emater, o plantio da safra de verão de milho teria chegado a 90% da área esperada, contra a média histórica de 96% para esta época. Cerca de 3% da área semeada já teria sido colhida no Estado gaúcho.

Orna

Neste contexto, o preço médio no balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 73,82/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços do cereal assim ficaram: R\$ 74,00 na região central de Santa Catarina; R\$ 62,50 a R\$ 63,00 no Paraná; R\$ 59,00 em Campo Novo do Parecis (MT); R\$ 62,00 em Maracaju (MS); R\$ 73,00 em Itapetininga (SP); R\$ 76,00 no CIF Campinas (SP); e R\$ 62,00/saco nas praças goianas de Jataí e Rio Verde.

Já na B3 o vencimento janeiro fechou a quinta-feira (17) em R\$ 76,65/saco; março ficou em R\$ 76,90; maio em R\$ 73,22; e julho em R\$ 66,45/saco.

Enfim, a SECEX informou que nos nove primeiros dias úteis de dezembro o Brasil exportou 2,26 milhões de toneladas de milho, com uma média diária 2,75% maior do que a média de novembro e 26,8% maior do que a média de dezembro de 2019. A tonelada exportada obteve um valor médio de US\$ 197,00, contra US\$ 174,00 no mesmo mês do ano passado, ganhando 13,2% no período.

Segundo a Abramilho espera-se que o ano termine com exportações nacionais próximas a 34 milhões de toneladas do cereal. O volume efetivamente embarcado neste ano comercial que se encerra em 31 de janeiro próximo irá definir, em boa parte, o quadro futuro de preços do milho. Nos primeiros 11 meses deste ano o país exportou 29,8 milhões de toneladas do cereal, sendo que os principais países importadores foram: Japão e Irã (13%), Vietnã (10%), Egito (8%), Taiwan (7,4%), Espanha (7,3%) e Coreia do Sul (6,9%). Já nas origens, o cereal brasileiro exportado veio, em sua maioria, do Mato Grosso (63,4%), seguido de Goiás, Paraná, Mato Grosso do Sul e Maranhão.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago voltaram a romper o teto dos US\$ 6,00/bushel, com o primeiro mês cotado fechando a quinta-feira (17) em US\$ 6,08, contra US\$ 5,90 uma semana antes.

As exportações de trigo por parte dos EUA atingiram a 540.400 toneladas, superando as expectativas do mercado, sendo o México o maior comprador do cereal.

Na Argentina, conforme a Bolsa de Cereais de Buenos Aires, a colheita de trigo atingia a 53,5% da área esperada, estando com 7,8 pontos percentuais em atraso em relação ao ano anterior nesta época. O total esperado a ser colhido continua em 16,8 milhões de toneladas.

Por sua vez, a Rússia está cogitando novamente de impor uma taxa de exportação de 25 euros sobre o trigo, entre 15/02 e 30/06 do próximo ano, visando segurar o produto para o abastecimento interno após as perdas na atual colheita. Os preços internos dos alimentos estão subindo e a ideia é estabilizá-los. Lembramos que a Rússia é o maior exportador mundial de trigo. O imposto seria adicional a uma cota de exportação, já proposta, de 17,5 milhões de toneladas para o mesmo período.

Orna

Já na União Europeia, com ofertas reduzidas, as exportações devem diminuir. A demanda dos países importadores, diante desta realidade, deverá ir para a Austrália e a Argentina, lembrando que no vizinho país igualmente a safra atual de trigo está registrando uma quebra importante em relação ao esperado inicialmente. Estes fatos somados pressionam as cotações do trigo para cima em Chicago.

Aqui no Brasil, segundo o Cepea, a liquidez continua lenta, diante de uma demanda mais fraca. A desvalorização do dólar perante o Real deixa o produto importado mais barato, puxando para baixo os preços locais. Além disso, a safra final brasileira acabou sendo, em volume, um pouco melhor do que o esperado, especialmente devido a revisão para cima na produção do Rio Grande do Sul, após projeções de quebra de até um milhão de toneladas em relação ao esperado inicialmente.

Assim, o preço médio do saco de trigo no balcão gaúcho fechou a corrente semana em R\$ 70,00, enquanto no Paraná o mesmo se manteve em R\$ 67,00. A tendência é de preços com viés de baixa, porém, muito irá depender do comportamento cambial no Brasil e das cotações em Chicago, as quais estando em elevação tornam mais caro o produto comprado na Argentina, apesar de a relação Real/Peso estar amplamente favorável à moeda brasileira.